

Movimento no comércio cai em até 90%

Aumento dos combustíveis deverá provocar uma alta dos preços dos alimentos

Marcelo Sayão

Érica Fraga, Ledice Araujo
e Marta Barcellos

• RIO e SÃO PAULO. Depois de acompanhar o anúncio do novo pacote de medidas do Governo, o consumidor carioca se refugiou em casa e trancou a porta para o consumo. Com as lojas e as máquinas registradoras vazias, os comerciantes lamentavam quedas de movimento entre 30% e 90%. Nem as promoções ou os prazos para pagamento que ultrapassam a virada do ano atraíram o comprador.

— Parou tudo. Minhas vendas estavam empacotadas com a alta dos juros na semana passada. Agora, vem esse pacote. Eu estou fazendo uma queima total com preços de custo desde quinta-feira passada, mas só consegui vender duas camisetas até agora, às 16h — reclamou Ronaldo Scheiner, dono da loja U2, no Rio Sul.

Lojas já negociam financiamentos para janeiro

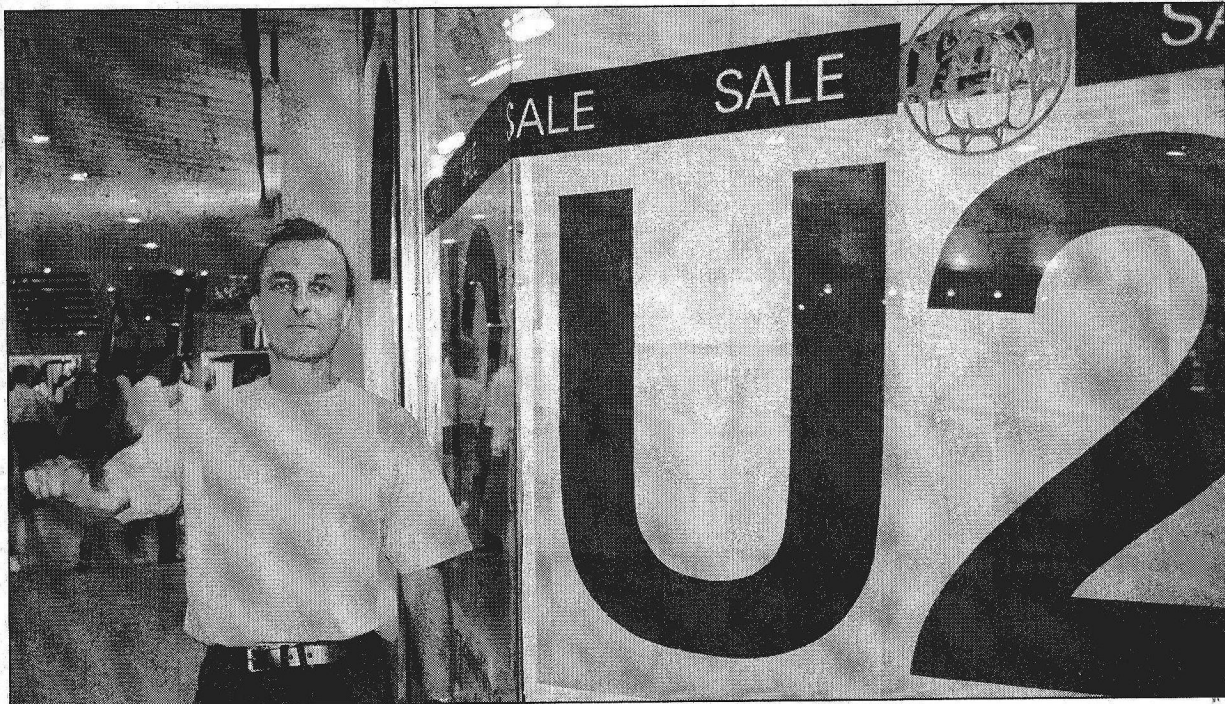
Segundo Gilberto Catran, secretário-executivo da Associação dos Lojistas dos Shopping Centers do Rio (Alosserj), a saída para o lojista será reduzir seus custos e margens de lucro.

— O consumidor não suporta mais nenhum tipo de reajuste, isso seria suicídio para o comércio. Os índices negativos de venda que se repetiram durante todo este ano mostram isso — disse.

As vitrines das lojas também refletem o peso das quedas nas vendas. Nos shoppings, muitas lojas já estão negociando financiamentos com o primeiro pagamento para janeiro.

O marasmo também tomou conta das lojas de eletrodomésticos. Segundo um gerente da TeleRio na Rua Uruguaiana, as vendas de hoje estavam próximas de zero. Nas vizinhas Ponto Frio e Arapua, a cena era a mesma: vendedores batendo papo e movimento de 30% a 70% abaixo da média.

As concessionárias ainda estão tentando amenizar o impacto dos reajustes de taxas de juros, mas já prevêem quedas maiores.



RONALDO SCHEINER, dono da U2: "Este pacote espantou os consumidores. Nem nossa promoção teve efeito hoje."

— Já registrávamos um movimento pequeno na semana passada. No fim de semana, conseguimos vender bem porque o Banco Volks segurou as taxas de juros até domingo. Hoje, por causa do pacote, nosso movimento foi de 20% a 30% abaixo do normal. Tememos quedas maiores nas vendas — disse José Humberto Santana, gerente de vendas da Tianá, concessionária da Volkswagen.

A arquiteta Sandra Maria Lins saiu de casa correndo no fim de semana atrás do anúncio das taxas de juros da Volkswagen.

— Eu queria esperar mais um pouco e comprar à vista, mas com estas mudanças acho que os preços vão acabar subindo. Por isso aproveitei a última chance de um financiamento com as taxas antigas — afirmou Sandra, que comprou um Gol 1000.

Em São Paulo, o comércio deve registrar queda de 9% no faturamento e de 6% nas vendas físicas por conta do pacote. A estimativa é da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, que considerou as medidas mais contundentes do que o esperado. O diretor-executivo da Federação, Antônio Carlos Borges, acredita

no entanto que o maior impacto para o setor virá no primeiro trimestre do ano que vem. Sem as compras de Natal nem o décimo terceiro salário, o comércio deve sentir o efeito do aperto no bolso do consumidor aliado ao aumento nas taxas de juros.

— Foram medidas fortes. Medidas como aumento de imposto de renda e de tarifas geram desemprego e queda na atividade econômica. Já estávamos prevendo um Natal pior do que no ano passado por causa dos juros. Agora, a combinação dos juros altos com esse pacote vai ter um impacto imediato no comércio.

Combustíveis mais caros vão provocar alta dos alimentos

Borges acredita que na próxima semana o varejo já deve começar a reduzir as encomendas para a indústria, devido ao fraco movimento. Segundo dados da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), antes mesmo do anúncio do pacote as vendas já registravam queda expressiva. Entre os dias 1 e 9 de novembro, as vendas a prazo caíram 12,07% em relação à média diária de outubro, como indicam as consultas

ao Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC).

Além disso, a elevação dos combustíveis vai mexer com a estabilidade dos preços dos alimentos e causará uma retração maior nas vendas no setor. Com o peso dos transporte rodoviário na distribuição, os produtos nos supermercados devem subir de 2% a 3%, segundo previsões do Presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios, José de Souza. Já nas feiras livres o aumento imediato de legumes, frutas e pescado poderá chegar a 5%, pelas estimativas de Gilberto Amendoeira, presidente do Sindicato dos Feirantes do município do Rio.

— O transporte pesa em toda a cadeia agrícola. Vamos ainda avaliar os reflexos das medidas, mas certamente elas terão influência. O impacto só será menor se houver uma melhoria da produção.

Para o presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Paulo Afonso Feijó, o pacote vai prejudicar as vendas.

— Se já contávamos com um Natal ruim, as previsões tendem agora para pior. Poderemos fechar o ano com crescimento negativo — avaliou Feijó. ■